

PEDOFILIA E ESTIGMA SOCIAL: UMA ANÁLISE FENOMENOLÓGICO-EXISTENCIAL

Ana Keila Pires Ceculini, Sílvia Regina Cassan Bonome Vanzelli,
e-mail: psikeila@hotmail.com

1 INTRODUÇÃO

A pedofilia é uma condição complexa e multifacetada que desperta uma ampla gama de reações sociais, legais e clínicas (Almeida, 2014). O tema da pedofilia é bastante significativo com muitos quadros estatísticos de abuso sexual à criança no Brasil. Por meio do disque 100 (Disque Direitos Humanos), foram registrados em 2023, mais de 17 mil violações sexuais contra crianças e adolescentes entre janeiro e abril. Ao todo, 69,3 mil denúncias e 397 mil violações de direitos humanos de crianças e adolescentes das quais 9,5 mil denúncias e 17,5 mil violações envolvem violações sexuais físicas (abusos, estupros e exploração sexual) e psíquicas (Brasil, 2023). Não há certeza sobre a incidência da pedofilia, mas estima-se que menos de 3% dos homens sejam afetados, com uma porcentagem ainda menor entre as mulheres (Brown, 2023).

A definição de pedofilia tornou-se mais ampla ao longo do tempo, abarcando desde práticas sádicas até a visualização de fotos sensuais de menores na internet, ficando incertas as fronteiras entre práticas sexuais, crime, desejo e fantasias. Esse entendimento duvidoso aumenta a confusão sobre o que realmente constitui a pedofilia, misturando desejo, crime e fantasia, o que dificulta a discussão clara sobre o tema (Rodrigues, 2014).

Ainda, o estigma social se configura como outro grande desafio para abordar a pedofilia, com a falta de informação, a sociedade frequentemente vê o pedófilo como uma “monstruosidade”, dificultando a busca por tratamento adequado (Lowenkron, 2015). Tal contexto leva muitos a evitarem profissionais de saúde mental, que poderiam auxiliar no manejo do transtorno. O estigma pode agir como uma barreira, mantendo o ciclo de negligência e contribuindo para a continuidade do problema. Trindade e Breier (2007) observam que o pedófilo raramente busca tratamento voluntário, a menos que enfrente dificuldades legais ou sociais, sugerindo que muitos preferem autoproteção do que a mudança no comportamento.

É importante também considerar, o impacto da falta de educação sexual infantil, que pode facilitar a manipulação de adultos sobre crianças, afinal, a ausência de uma abordagem adequada deixa as crianças mais vulneráveis a situações de abuso (Almeida, 2014).

Assim, o tema mostra-se de suma importância, justificando-se no crescente vínculo errôneo e estigmatizante entre a pedofilia e a violência sexual infantil, bem como no impacto do desenvolvimento da sexualidade infantil em função do uso inadequado das mídias e da publicidade promovendo a hiperssexualização da criança. Além disso, os fundamentos sociais que geram o estigma em torno da pedofilia contribuem para a negligência na busca por tratamento psicológico.

Considera-se, para tanto, o uso da abordagem fenomenológico-existencial como meio de investigação a fim de estabelecer uma compreensão profunda sobre a pedofilia, contribuindo para a criação de estratégias de intervenção e a redução do estigma. Heidegger (2012) observa que a fenomenologia busca entender o ser e suas modificações, o que pode ajudar a descrever o sentido da pedofilia e promover um debate mais esclarecido sobre o tema.

Portanto, o presente trabalho teve por objetivo analisar o fenômeno da pedofilia a partir da abordagem fenomenológico-existencial, buscando por compreender o modo de ser de sujeitos pedófilos e sua relação com o estigma social enfrentado.

2 METODOLOGIA

A metodologia utilizada fundamenta-se na pesquisa bibliográfica, na qual caracteriza-se pelo uso de análise de documentos de domínio científico, tais como livros, revistas científicas, teses, dissertações, artigos científicos e jornais (Gil, 2022). As buscas foram realizadas em bases de dados de trabalhos científicos, no caso, o Google Acadêmico e Scielo, com filtro para artigos publicados entre 2014 e 2024, com as palavras-chave: pedofilia, estigma social, e fenomenologia. Também foram selecionados livros físicos datados de 1998 a 2014, considerados clássicos da perspectiva fenomenológico-existencial.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Buscando por compreender o modo de ser de sujeitos pedófilos e sua relação com o estigma social enfrentado, observa-se o transtorno da pedofilia como parte do Dasein, o ser-no-mundo, cunhado pelo filósofo. Assim, projetado no mundo, esse ser com ideações pedofílica, requer uma análise de suas estruturas ontológicas, de suas implicações sociais e da maneira como lida, individualmente, com seus sofrimentos e estigmas (Heidegger, 2012).

Sob a ótica de Heidegger (2012), o Dasein vivencia essa condição de maneira singular, lançando-se no mundo com essas inclinações que, embora não sejam desejadas socialmente, ainda fazem parte de sua constituição existencial. A angústia surge como elemento-chave aqui, pois revela a condição do ser, que se confronta com suas limitações e os olhares da sociedade que o alienam, um ser inautêntico (Heidegger, 2012; Mello, 2018).

O transtorno pedofílico, nesse contexto, pode ser observado como uma forma de decadência do Dasein, não se dando conta da alienação de si mesmo. Na decadência, o indivíduo vive em sua inautenticidade, caindo no impessoal. Há, portanto, o envolvimento em discursos e comportamentos que o distanciam de sua verdadeira compreensão de si mesmo, podendo desencadear um ciclo de culpa, repressão e isolamento. Entra em foco a busca por autenticidade, pois imerso em sua solidão, ao entrar em contato consigo mesmo, com sua própria condição, o Dasein se depara com a angústia, em um movimento capaz de revelar novas possibilidades de existir, quando em acompanhamento psicológico esse olhar para si pode ser facilitado e mediado (Heidegger, 2012).

No caso da pedofilia, o estigma social afeta profundamente a autoimagem do indivíduo, que se vê excluído de uma compreensão positiva de si. A compreensão do Dasein em sua relação com o outro – aqui, a criança, que é alvo de sua atração – precisa ser vista sob a ótica do cuidado e da responsabilidade ética. O pedófilo, ao reconhecer o outro como um ser que não pode dar consentimento, enfrenta uma crise de compreensão em que sua própria existência é posta em questão. Daí a importância do acompanhamento psicológico, ou seja, da construção de si enquanto obra, da construção desse indivíduo no ato terapêutico de dar-se conta de si e do outro (Augras, 2013).

O conceito de angústia, central em Heidegger, reflete-se nos conflitos éticos e morais que permeiam o fenômeno da pedofilia. O Dasein, ao se ver lançado no mundo com desejos considerados desviantes, experimenta a angústia que o impele a uma confrontação consigo mesmo. A angústia, nesse caso, poderia ser vista como um ponto de abertura para uma possibilidade de tratamento, permitindo ao indivíduo compreender sua condição e buscar novas maneiras de ser, de forma ética e socialmente responsável (Mello, 2018).

Sob a ótica da fenomenologia, ao olhar para a pedofilia, observamos como o ser é constantemente desafiado pela facticidade do mundo, ou seja, pela condição dada de sua existência. Assim, a fenomenologia permite entender que mesmo em situações extremas, como na pedofilia, ao reconhecer suas limitações e no enfrentamento da angústia de sua condição existencial, o ser ainda é capaz de se projetar em novas possibilidades de ser, demonstrando, mais uma vez, a importância de intervenções terapêuticas que abordem a pedofilia sem o estigma social, a partir de uma compreensão aprofundada e individualizada do ser e suas condições (Heidegger, 2012).

A compreensão fenomenológica permite também afastar preconceitos e estereótipos, oferecendo uma abordagem ética e inclusiva para lidar com a pedofilia. De acordo com Augras (2013), o ser está em constante relação com o outro, e o reconhecimento dessa intersubjetividade pode abrir caminhos para uma abordagem mais cuidadosa e menos punitiva para os transtornos pedofílicos, sem perder a proteção infantil.

Assim, a fenomenologia da compreensão oferece uma perspectiva que transcende o olhar meramente jurídico ou clínico da pedofilia, oferecendo uma análise mais aprofundada sobre como o ser se constitui no mundo e as implicações éticas de seus comportamentos, levando-o também a responsabilizar-se pelo modo como se apresenta no mundo. Nesse sentido, o tratamento preventivo, quando considerado a partir de uma ótica fenomenológica, pode oferecer novos horizontes para lidar com o transtorno e reintegração social (Augras, 2013).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados deste trabalho indicam que indivíduos pedófilos, enfrentam desafios éticos e alienação devido ao estigma social, o que dificulta a busca por uma

compreensão autêntica de si. A análise confirmou que a abordagem fenomenológico-existencial oferece uma perspectiva terapêutica inclusiva, evitando a simples patologização ou punição. Considera-se que a conscientização social da pedofilia distanciada do estigma e a clareira fenomenológica desvelando o ser pedófilo, podem contribuir com pesquisas que promovam diálogos interdisciplinares e a conscientização sobre a importância do tratamento psicológico às pessoas afetadas pela pedofilia, visando a promoção da saúde mental.

Enquanto limitações do estudo, a pesquisa colabora com uma visão ampliada e ética do fenômeno da pedofilia, indicando novos caminhos para sua compreensão e tratamento, porém, por se tratar de uma abordagem mais teórica e filosófica, faltam estudos empíricos que permitam corroborar com os resultados aqui indicados.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, J. P. S. **Pedofilia: aspectos clínicos, éticos e forenses**. Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2014. Recuperado de: https://teses.usp.br/teses/disponiveis/2/2136/tde-03082015-115519/publico/DISSERTACAO_PEDOFILIA_aspectos_clinicos_eticos_e_forenses_JESSICA_PASCOAL_FDUSP.pdf. Acesso em: 08/04/2024.

AUGRAS, Monique. **O ser da compreensão: fenomenologia da situação de psicodiagnóstico**. 16ª ed. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2013.

BRASIL. Ministério dos Direitos Humanos. Ouvidoria Nacional dos Direitos Humanos. **Disque Direitos Humanos: relatório 2023** [internet]. Brasília, 2023 [citado 2023 dez. 07]. Disponível em: <https://www.gov.br/mdh/pt-br/assuntos/noticias/2023/maio/disque-100-registra-mais-de-17-5-mil-violacoes-sexuais-contras-criancas-e-adolescentes-nos-quatro-primeiros-meses-de-2023>. Acesso em: 06/04/2023.

BROWN, G. R. **Transtorno pedofílico. Manual MSD versão para profissionais da saúde**, 2023. Disponível em: <https://www.msdmanuals.com/pt-br/profissional/transtornos-psiqui%C3%A1tricos/parafilias-e-transtornos-paraf%C3%ADlicos/transtorno-pedof%C3%ADlico> . Acesso em: 28/05/2024.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 7. ed. Barueri: Editora Atlas Ltda, 2022.

HEIDEGGER, M. **Ser e Tempo**. Petrópolis: Vozes, 2012.

LOWENKRON, Laura. 2015. **O monstro contemporâneo: a construção social da pedofilia em múltiplos planos** 1ª ed. Rio de Janeiro: EdUERJ. 456 p.

MELLO, Cleyson de Moraes. Como entender Heidegger? Os teoremas da diferença ontológica e do círculo hermenêutico. **LexCult: revista eletrônica de direito e humanidades**, v. 2, n. 3, p. 32-46, 2018. <https://doi.org/10.30749/2594-8261.v2n3p32-46>

RODRIGUES, H. **A pedofilia e suas narrativas: uma genealogia do processo de criminalização da pedofilia no Brasil**. Universidade de São Paulo. São Paulo, 2014. Disponível em: https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8132/tde-15042015-152015/publico/2014_HerbertRodrigues_VCorr.pdf. Acesso em: 08/04/2024.

TRINDADE, J.; BREIER, R. **Pedofilia: aspectos psicológicos e penais**. Porto Alegre: Livraria do Advogado, 2007.